

# 1.

## Introdução

O presente trabalho procura estudar, na cultura do Brasil e da China Continental<sup>1</sup>, o comportamento linguístico em relação à avaliação negativa como resposta a pedidos, oferecimentos e convites.

De modo geral, as avaliações negativas, mais precisamente, as recusas, apresentam descortesia ou falta de interesse; em algumas culturas, a resposta sem aprovação pode até parecer desrespeitosa ou ofensiva ao interlocutor. De acordo com Leech (1983), recusa é um ato de fala que demonstra a competitividade, a qual não é bem vista e aceita nas sociedades que valorizam a harmonia interpessoal, como é o caso da China. Para além disso, segundo Brown & Levinson (1978), existem certos atos de enunciação intrinsecamente ameaçadores às faces de outrem, nos quais a recusa se destaca, visto que estes comportamentos linguísticos não satisfazem a necessidade de preservação da face tanto do falante quanto do ouvinte. Esta questão será discutida de forma detalhada mais adiante neste trabalho.

Por outro lado, levando em consideração a cultura brasileira, descobrimos que os brasileiros apresentam uma grande dificuldade em usar a palavra “não”. Para com esta questão, DaMatta (1986:14) explica que “sou brasileiro [...] porque sei que não existe jamais um ‘não’ diante de situações formais”.

Acreditamos que o uso de recusa pode causar desentendimentos entre os próprios falantes nativos em virtude dos motivos apresentados acima. A situação torna-se ainda mais complexa quando tal avaliação negativa acontece com aprendizes de língua estrangeira (LE) e/ou de segunda língua (L2). O problema existente na interação com o falante não nativo deve-se ao fato de que este, por não compartilhar a mesma bagagem cultural do falante nativo, raramente consegue compreender da

---

<sup>1</sup> Geograficamente, as regiões da China Continental excluem as duas Regiões Administrativas Especiais administradas pela RPC: Hong Kong e Macau e as ilhas de Taiwan, Penghu, Quemoy e Matsu.

mesma forma ao ouvir uma resposta evasiva, por exemplo, no caso da expressão brasileira “**Tudo bem, outra hora a gente fala sobre isso...**”; ou perceber a ritualidade implícita quando um chinês recusa pela primeira vez, ao receber um presente. Sendo assim, o chinês pode ter imaginado que o brasileiro iria mesmo o procurar numa outra ocasião para continuar a conversa e conta com a esperança até um dia em que se sente enganado; o brasileiro, por sua vez, ao ser recusado no oferecimento do presente, fica com a dúvida de que o chinês não gostou do mesmo.

Desta forma, a intenção deste trabalho é realizar um estudo comparativo do comportamento linguístico de recusa, sob os contextos do Brasil e da China Continental, com base nas teorias da sociolinguística interacional e do interculturalismo, bem como das filosofias confucianas.

Embora não sendo nosso objeto de pesquisa, analisaremos também, de forma adicional, os atos não verbais, tais como o silêncio e as expressões faciais, que podem contribuir (ou não) para o entendimento intercultural entre os locutores das duas nacionalidades.

## 1.1 Justificativa

Os enunciados linguísticos de recusa constituem um tópico de suma importância no ensino de português para estrangeiros (PLE) e/ou português como segunda língua para estrangeiros (PL2E<sup>2</sup>). No entanto, tal assunto é pouco abordado nas gramáticas tradicionais e descritivas, muitas regras não sendo nem sequer tratadas, em materiais didáticos para o ensino de português, como um tema que merece mais atenção tanto dos professores como dos aprendizes, em função da sua especificidade intercultural.

Sabemos que a aprendizagem de uma nova língua exige não só a competência linguística – os aspectos linguísticos estruturais, por exemplo, as regras fonéticas,

---

<sup>2</sup> Nomenclatura criada por Profa. Dra. Rosa Marina de Brito Meyer (2004) e adotada nos cursos de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), instituição a que a autora está vinculada.

semânticas, sintáticas etc., – como também a competência intercultural. Bennett (1998:2) classifica a cultura em duas categorias: a objetiva – cultura escrita com o “c” minúsculo (*culture writ small*) e a subjetiva – cultura escrita com o “C” maiúsculo (*culture writ large*). Segundo o autor, a cultura objetiva refere-se a comportamentos e hábitos que se incorporam nas práticas rotineiras de uma sociedade, a saber: literatura, música, gastronomia, língua, entre outros. Já a cultura subjetiva, por sua vez, apresenta-se como um aspecto menos óbvio que é ligado às características psicológicas de um determinado grupo de pessoas: suas crenças e comportamentos cotidianos. Bennett salienta que:

A tradicional educação internacional e multicultural tende a focar apenas no modo objetivo do processo; porém, em contrapartida, a comunicação intercultural focaliza, quase de forma exclusiva, no seu modo subjetivo. Por exemplo, ao invés de se preocuparem com a própria estrutura gramatical, os interculturalistas mostram mais interesse pelo uso real de língua nos relacionamentos transculturais. **Eles estudam como uma determinada língua é modificada ou substituída por um comportamento não verbal – termo culturalmente definido; como os padrões culturais de pensamento são expressos em um estilo particular de comunicação; e como uma realidade é definida e julgada pelas pressuposições e valores culturais.**<sup>3</sup> (*Ibid*:2, negrito nosso).

Pretendemos, então, com este trabalho, explorar e analisar a complexidade do ato de fala de recusa nos contextos culturais do Brasil e da China.

Já existem alguns estudos tratando do tema da avaliação não aprovadora, como os de Prado (2001) e de Almeida (2007), que pesquisam a negação a convites e a opinião desfavorável no português brasileiro; os de Li (2007), de Yang (2008) e de Guo (2012), que discutem os atos de fala de recusa comparando as culturas chinesa e americana, bem como as estratégias utilizadas pelos dois povos. Não há entretanto, estudos comparativos que investigaram as respostas negativas, levando em

<sup>3</sup> Traditional international and multicultural education tends to focus only on the objective mode of this process; in contrast, intercultural communication focuses almost exclusively on the subjective mode. For instance, interculturalists are concerned with language use in cross-cultural relationships, rather than in linguistic structure. **They study how language is modified or supplanted by culturally defined nonverbal behavior, how cultural patterns of thinking are expressed in particular communication style, and how reality is defined and judged through cultural assumptions and values.**

consideração os diferentes contextos linguístico e extralinguístico das sociedades brasileira e chinesa. Sendo assim, nossa pesquisa pretende analisar como tal recusa é utilizada, verbal e não verbalmente, pelos falantes nativos do português brasileiro e de mandarim, suas similaridades e diferenças e, o mais importante, demonstrar as subjetividades sociolinguísticas e interculturais escondidas atrás destes comportamentos.

## 1.2

### O problema

Recusar convites, pedidos ou oferecimentos é uma situação bem delicada, porém inevitável em nossa vida cotidiana. De modo geral, tal comportamento linguístico é responsável por constrangimentos, mal entendidos, decepções até aborrecimentos e irritações – os sentimentos que sempre acontecem, quer seja entre os próprios falantes nativos, quer seja entre interlocutores de nacionalidades diferentes.

No caso do Brasil e China, esses dois países têm diversos aspectos culturais em comum: ambos preocupam-se com a hierarquia da sociedade, atribuem mais valor ao coletivismo do que ao individualismo, bem como sempre pretendem preservar a harmonia do grupo e buscam não ameaçar a face dos outros durante uma interação. Além do mais, segundo a teoria de antropologia social de Casa & Rua, levantado por DaMatta (1986), o brasileiro tende sempre a buscar relações de maior intimidade e familiaridade, tornando a rua – o espaço de comércio, cheio de luta e de competição –, pela casa – o lugar que concentra afetividade, harmonia e amor. Esta característica coincide com a crença confuciana de que “a Harmonia é o que há de mais precioso<sup>4</sup>”.

Por outro lado, devido às diferenças geográfica, climática, econômica e política, cada país tem, sem dúvida, suas características peculiares. Segundo o modelo de estilos culturais elaborado por Lewis (2006), o Brasil e a China são definidos como multiativo e reativo, respectivamente. Em outras palavras, comparando com os

<sup>4</sup> Tradução de Sinedino, In. **Os analectos** (2012:18).

chineses, os brasileiros são mais eloquentes, emocionais, e costumam utilizar, ao longo da conversa, gestos e toques, além de gostar de usar a entonação para dar vida as suas palavras. Geralmente, a pontualidade não é considerada importante pelas pessoas multiativas. Já o povo chinês enfatiza a harmonia coletiva e a obrigação comum. Durante a interação, escutam seu interlocutor com bastante atenção, mas raramente opinam, sobretudo em público. Por isto, é comum ouvir reclamações entre os dois povos de que o brasileiro é dramático e invasivo, por um lado, e que o chinês é frio e antipático, por outro.

Sob este contexto, dominar as formas nos atos de fala de recusa no português do Brasil apresenta inúmeras dificuldades para os aprendizes nativos de mandarim, visto que estes alunos não têm consciências de quais estratégias de recusa existem e, quando e como elas são utilizadas. Para resolver este problema, os alunos chineses de PLE/PL2E precisam prestar atenção às peculiaridades linguísticas e culturais presentes no dia a dia de modo que os estranhamentos e desconfortos interacionais sejam evitados ao máximo possível.

Confirmando o que já foi dito anteriormente, o tema da recusa é pouco explorado e trabalhado nas gramáticas e livros didáticos de PLE/PL2E, e falta ainda um estudo comparativo do assunto focalizando as características do Brasil e da China. Pretendemos, portanto, fazer a descrição em uso de tal tema a fim de facilitar a aprendizagem da língua portuguesa falada no Brasil, proporcionando, dessa forma, aos alunos chineses um recurso de estudo em relação à avaliação negativa, além de ajudá-los a desenvolver a sensibilidade e a competência intercultural.

### **1.3 Objetivos**

Tendo em vista o tema apresentado, objetiva-se principalmente, com esta pesquisa, fornecer uma análise e uma sistematização dos enunciados linguísticos utilizados em situação de recusa no português do Brasil, em especial, no Rio de

Janeiro, e no mandarim da China Continental.

Como objetivos específicos, visamos:

- (i) Identificar e categorizar os atos de recusa como resposta utilizados pelos brasileiros e chineses nas situações de pedido, oferecimento e convite;
- (ii) Apontar os fatores presentes nas estratégias de recusa no português do Brasil e nas recusas rituais do mandarim da China que levam ao mútuo desentendimento;
- (iii) Descrever alguns fatores não verbais que acompanham os enunciados de recusa;
- (iv) Apresentar algumas características culturais e interculturais dos dois países e sua influência no ato de reprovação.

#### 1.4 Hipóteses

Conforme já definido, ao analisar as semelhanças e diferenças culturais entre o Brasil e a China, partimos das hipóteses de que o aluno falante nativo de mandarim, na situação de recusa, parece apresentar:

- (i) Uma grande dificuldade em recusar, fenômeno semelhante ao dos brasileiros;
- (ii) Facilidade de entender algumas recusas com modalizadores, como pedidos de desculpa ou uso do tempo verbal de futuro do pretérito, como por exemplo “**Adoraria ir, mas não vai dar essa vez.**”;
- (iii) Dificuldade de compreender algumas recusas implicitamente expressas tais como “**Vou pensar.**” ou “**Talvez.**”;
- (iv) Tendência a usar a recusa ritual de forma inapropriada durante a interação com os brasileiros, como por exemplo dizer “**Você exagerou com o presente!**”.

## 1.5 Organização do trabalho

Este trabalho divide-se em sete partes, a saber:

No primeiro capítulo, introduzimos o tema da pesquisa sobre o comportamento linguístico de recusa em diversas situações. Abordamos, de modo geral, algumas semelhanças e diferenças das sociedades brasileira e chinesa conforme os conceitos do Interculturalismo. São apresentadas também a relevância do assunto, os objetivos e hipóteses que norteiam a pesquisa.

O segundo capítulo trata dos pressupostos teóricos. Constituem-se alguns conceitos da Sociolinguística Interacional referentes à noção de face definida por Goffman (1967) e às estratégias de polidez elaboradas por Brown & Levinson (1987). Em relação ao mundo oriental, apresentamos os conceitos de face e de polidez produzidos por Gu Yueguo (1990, 1992). Apresentamos também alguns aspectos interculturais, como o conceito de cultura (Bennett, 1998; Peterson, 2004) e o modelo de estilos culturais de Lewis (2006). Por fim, em função da comparação com a cultura chinesa, selecionamos algumas filosofias confucianas que julgamos pertinentes ao estudo.

No capítulo três, relata-se a metodologia empregada para organizar a pesquisa, a fonte dos dados, e a análise dos diálogos coletados dos dois programas de televisão: A Grande Família (entre 2001 e 2011) do Brasil e Mamã Tigre & Papai Coruja (2015) da China.

O capítulo quatro traz a análise do *corpus* à luz das teorias apresentadas no capítulo dois. Através desta, buscamos categorizar separadamente as estratégias utilizadas pelos brasileiros e chineses relacionadas a respostas de recusa, bem como à comparação de semelhanças e diferenças dessas estratégias de acordo com os pressupostos teóricos.

Por último, no capítulo cinco, encontram-se as considerações finais do trabalho.

Seguem-se respectivamente no capítulo seis e no capítulo sete as referências bibliográficas e a transcrição do *corpus* selecionado dos programas televisivos.